

Polanski, Mamdani e os Outros: Está na hora do populismo económico de esquerda?

Imogen Learmonth · 28.05.2026

ECONOMIA · AMBIENTE · POLÍTICA

Reino Unido, Nova Iorque e Alemanha contam uma história de polarização: desapontados com o consenso centrista, os eleitores procuram alternativas à política do costume. E quando os europeus são convidados a definir uma economia bem-sucedida, a sua visão é de esquerda. Será esta a chave dos progressistas?

As eleições recentes no Reino Unido, na cidade de Nova Iorque e na Alemanha contam uma história de polarização: desapontados com o consenso centrista, os eleitores procuram alternativas à política do costume. Um foco na acessibilidade de preços poderá canalizar este descontentamento para opções progressistas.

Este artigo foi originalmente publicado no [Green European Journal](#), em abril de 2026.

Há já alguns anos que a direita radical parece ser a única beneficiária de um forte sentimento anti-institucional e *anti-política*. Para os eleitores que se sentiram traídos pelo *status quo* e ignorados pela classe política, a extrema-direita parecia oferecer uma via visível de protesto. Ou, em muitas circunstâncias, um fósforo aceso para atear ao consenso político.

No entanto, os ventos podem estar a mudar. Sob a liderança de Zack Polanski, os Greens de Inglaterra e Gales dispararam em popularidade, mais do que duplicando a sua quota de votos nas eleições de 2024. Os Verdes estão a lançar um assalto formidável ao consenso político do país, montados numa plataforma assumidamente de esquerda. À data deste artigo [abril de 2026], o partido estava nas sondagens com 16 por cento, empatado com o Partido Trabalhista e um ponto abaixo dos Conservadores. A sua [campanha](#) apresenta-o como a escolha estratégica para quem quer impedir a chegada ao poder do Reform UK, de extrema-direita. Até há pouco tempo, o Reino Unido era considerado um sistema bipartidário.

A esquerda insurgente entra finalmente em campo no jogo da polarização.

As eleições federais alemãs de 2025 também contaram uma história de polarização crescente. Era expectável que a CDU/CSU, de centro-direita (e, em menor escala, a coligação cessante de Social-Democratas, Verdes e Liberais), perdesse eleitores para a AfD, de extrema-direita, que registou o seu melhor resultado de sempre com 21 por cento dos votos. O que surpreendeu foi a subida tardia do Die Linke (A Esquerda), alegadamente resultante de uma [campanha viral no TikTok](#) com a sua colíder, Heidi

Reichinnek. De 3 por cento nas sondagens um mês antes das eleições, o partido mais do que duplicou o resultado de 2021, obtendo 9 por cento dos votos. Desde as eleições, o Die Linke tem continuado a ganhar popularidade e está nas sondagens apenas 2 por cento abaixo dos Social-Democratas.

Nos Estados Unidos, a eleição para a presidência da câmara de Nova Iorque forneceu mais um modelo para a viragem em direção a uma política de esquerda mais *marginal*: a vitória de Zohran Mamdani sobre a velha guarda democrata demonstrou o forte apelo eleitoral de uma plataforma de «serviços para todos».

A esquerda insurgente entra finalmente em campo no jogo da polarização. Independentemente de se lamentar ou não a deterioração dos partidos históricos e da política institucional, este deve ser um resultado melhor do que a extrema-direita deter um monopólio incontestado sobre a política de protesto.

A justiça económica em primeiro lugar

Algo poderoso e, crucialmente, replicável que estas campanhas têm em comum é um foco no populismo económico de esquerda. Recusam centrar-se em «guerras culturais» e adotaram, em vez disso, um foco implacável na [acessibilidade de preços](#), tentando despertar a consciência de classe. Cada uma das campanhas delineou uma narrativa clara de privação em que a vítima/herói é encarnada pelo povo trabalhador, enquadrando as grandes empresas e os ultra ricos como o inimigo. Propõem reformas económicas «radicais» para expandir o Estado social e redistribuir a riqueza, incluindo reduções de rendas, o aumento do salário mínimo, transportes públicos gratuitos e impostos mais pesados sobre os ricos.

Esta plataforma revela-se eficaz por algumas razões simples. Primeiro, a acessibilidade de preços continua a ser, em média, a principal preocupação dos eleitores europeus. Segundo, as pessoas (pelo menos nas democracias da Europa Ocidental) concordam mais ou menos no que culpar: o conluio das elites e má gestão governamental. Esta é uma história mais fácil de contar a partir da esquerda do que da direita.

De acordo com investigação realizada pela Mandate, a organização onde trabalho, em agosto de 2025¹, o populismo económico de esquerda tem potencial para ser uma plataforma de consenso.

Quando se pergunta pelos responsáveis pela inflação, a maioria aponta o dedo à classe política e à sua má gestão da economia.

A crise do custo de vida dificilmente seguiu a temporalidade de um choque conjuntural típico. Tem estado presente há algum tempo. O custo de vida ultrapassou a saúde como principal preocupação do público europeu após a pandemia, algures em 2021. Isto foi detetado pela primeira vez pelo [Eurobarómetro de Inverno de 2021](#), onde figurou como uma das duas principais preocupações para 41 por cento dos

inquiridos. A «crise» já tinha sido listada como a principal preocupação para a UE no geral desde a primavera desse ano.

Em 2025, a incapacidade de cobrir as necessidades básicas continuou a ser a preocupação mais premente tanto para homens como para mulheres (embora ligeiramente mais para as mulheres) e em todos os grupos etários, exceto nos com 75 ou mais anos². Este não foi um resultado surpreendente. O custo de vida liderou as nossas tabelas das questões mais importantes em todos os países que sondámos durante anos; voltou a acontecer na nossa sondagem mais recente entre países em março de 2026. Também não nos surpreendeu o pessimismo crescente dos eleitores quanto à trajetória do seu país. A sondagem de 2025 mostrou que metade de todos os eleitores considerava que o seu país estava a caminhar na direção errada. Em alguns casos, este número aumentou substancialmente desde a última vez que colocámos esta questão três meses antes (até 8 por cento em França).

As dificuldades são palpáveis, o ressentimento dirigido. Quando perguntámos aos inquiridos quem eram «os maiores culpados pela elevada inflação nos últimos anos», uma maioria em seis dos oito países apontou o dedo à classe política e à sua má gestão da economia³.

Os dados também sugerem que o público não associa instintivamente baixa imigração a um bom indicador económico.

O que os números revelam

Quando os europeus são convidados a definir uma economia bem-sucedida, a sua visão é marcadamente de esquerda. Longe do consenso neoliberal do início do século XXI, as suas prioridades sugerem que as marcas de uma sociedade próspera residem na estabilidade comunitária e na robustez do Estado.

Uma expressiva percentagem de 34 por cento dos eleitores define o sucesso como uma economia capaz de financiar serviços públicos de qualidade para todos, enquanto 33 por cento prioriza o emprego seguro. Estas características do movimento social-democrata europeu do pós-guerra são consistentemente priorizadas em detrimento dos chavões neoliberais; apenas 16 por cento dos eleitores vê a liderança global em tecnologia como uma prioridade económica, e 14 por cento acredita que recompensar o empreendedorismo é um objetivo de primeira linha.

Os dados também sugerem que o público não associa instintivamente baixa imigração a um bom indicador económico, com apenas 18 por cento a classificá-la como característica de uma economia bem-sucedida. Isto indica que a extrema-direita não está a ter assim tanto êxito em associar a elevada imigração à elevada inflação.

A maioria do público acredita que impostos mais elevados sobre os ricos lhes darão exatamente o que desejam — serviços públicos com melhor financiamento.

Outra conclusão clara da sondagem diz respeito às atitudes face à tributação progressiva. Os impostos mais elevados sobre os ricos são frequentemente contrariados pela lógica do mercado livre, que defende que, perante um imposto sobre a riqueza, os multimilionários levarão os seus negócios para outro lado. A maioria dos europeus não subscreve esta teoria. Quando questionados sobre qual a afirmação mais próxima da sua opinião, a maioria do público acredita que impostos mais elevados sobre os ricos lhes dará exatamente o que desejam — serviços públicos com melhor financiamento — em vez de provocarem a fuga de capitais.

Há espaço para a esquerda definir um inimigo político nos seus próprios termos. E há um claro candidato ao papel: os ultra ricos.

Avaliámos também os diversos enquadramentos narrativos que os governos ocidentais utilizam atualmente para abordar a crise do custo de vida e da habitação. As mensagens iam desde o enquadramento anti-imigração da extrema-direita a posições tecnocráticas e centristas («Basta construir mais casas!»), passando pelos argumentos capitalistas de direita a favor de um Estado minimalista, até a abordagens abertamente populistas de esquerda.

O vencedor global, com uma aprovação superior a 50 por cento em todos os países, foi a mensagem do populismo económico de esquerda. Esta mensagem enquadra o custo de vida como um conflito entre o *povo trabalhador* e os *multimilionários*. Os seus imperativos políticos de baixar os preços dos produtos alimentares e reduzir as rendas falam diretamente de mudanças reais e materiais para os trabalhadores, bem como da transferência imediata de riqueza dos proprietários e das megaempresas para a classe trabalhadora. Estas políticas espelham o livro de estilo de Mamdani. E são populares mesmo quando não são apresentadas pelo *homem das covinhas* em pessoa.

Os eleitores simplesmente não estão a aceitar que exista uma ligação entre imigração e inflação.

Uma mensagem mais tradicional de liberalismo de mercado sobre investir nas empresas e reduzir as barreiras ao comércio é também muito competitiva. Embora os eleitores queiram uma mudança sistémica, não são necessariamente «anti-empresas». No outro extremo do espetro, a triangulação centrista que apregoa os políticos históricos como os *adultos* na sala, os responsáveis a promover a mudança sistémica, recebe muito menos apoio universal. O mesmo acontece com a associação entre energia verde e metas de crescimento económico a longo prazo. Os eleitores querem ver mudanças reais no preço das suas vidas quotidianas, e querem vê-las para ontem.

É interessante notar que nem todas as afirmações que atacam as *elites* correm bem. Na verdade, as mensagens explicitamente populistas delimitam o espetro dos melhores e piores resultados. Enquanto a proposta populista de esquerda que apresenta explicitamente os milionários como inimigos da classe trabalhadora é favorecida pelo consenso, uma mensagem semelhante enquadrada em termos populistas de extrema-direita — em que a conspiração da *elite* consiste em dar prioridade aos imigrantes em

detrimento dos nativos — é a mensagem menos universalmente popular em todos os países sondados (exceto na Roménia, por 1 ponto percentual).

Quando se fala do custo de vida, os imigrantes não são um bode expiatório eficaz. Embora os eleitores se preocupem profundamente com a imigração — é a sua segunda questão mais importante em média — não estão a estabelecer uma associação imediata entre elevada imigração e custo de vida, apesar das mensagens sobre elites. Isto mantém-se verdadeiro, mesmo quando as mensagens enquadram a imigração como algo alinhado com os interesses das elites. Os eleitores simplesmente não estão a aceitar que exista uma ligação entre imigração e inflação. Há espaço no tabuleiro para a Esquerda definir um inimigo político nos seus próprios termos. E há um candidato claro ao papel: os ultra ricos.

A economia é um território sem dono no atual panorama partidário.

A abertura para uma Esquerda insurgente

Os dados sugerem ainda que a economia é um território sem dono e por reclamar no atual panorama partidário. Pedimos aos eleitores que escolhessem, a partir de uma lista de temas, o que consideram que o principal partido «progressista» e o partido de extrema-direita do seu país «mais valorizam». A coordenação e a disciplina de mensagem da extrema-direita, e a desorganização da esquerda institucional, ficam plasmadas nos resultados. Enquanto a extrema-direita tem um perfil temático claro e dominante — preocupa-se com a imigração acima de tudo, mas é também o partido da segurança e da redução da criminalidade —, os progressistas patinam. A resposta mais escolhida é ou que o inquirido não sabe o que o partido progressista do seu país defende, ou que não defende *nenhum* dos temas salientes. A «segurança social» e o «custo de vida», outrora o pão e a manteiga do movimento social-democrata, ficam num fraco terceiro e quarto lugares.

Quando os eleitores acreditam que se tem capacidade para os ajudar mas se opta por não o fazer, a frustração transforma-se em raiva.

Segundo os inquiridos, a elevada inflação é primariamente uma consequência da incapacidade política, em que os líderes querem ajudar mas são incapazes de o fazer, e da indiferença política, em que possuem os meios para agir mas optam por não o fazer. Em cada país, verificamos que os políticos sofrem de uma perceção de indiferença em vez de impotência quanto ao custo de vida.

A crença de que os partidos estão a tentar mas a falhar em tornar as coisas mais acessíveis é difícil de superar, mas não é fatal: podem culpar as limitações técnicas ou passar a responsabilidade para o setor privado. Mas a indiferença é uma sentença de morte. Quando os eleitores acreditam que se tem capacidade para os ajudar mas se opta por não o fazer, a frustração transforma-se em raiva e, como temos visto nas recentes vagas de anti-incumbência, levam o seu voto para outro lado.

A era da dominância da direita radical sobre o sentimento anti sistema pode estar a atingir um limite estrutural.

Neste clima, a credibilidade quanto ao custo de vida teria de vir de fora do sistema. E os maiores forasteiros — a extrema-direita — também estão a tropeçar neste importante espaço temático. Há um enorme vazio no espaço temático a implorar para ser preenchido, e um mandato claro dos eleitores quanto ao que querem ver preencher essa lacuna.

Os eleitores são claros quanto ao tipo de economia que desejam. Querem serviços públicos de qualidade e emprego seguro como prioridades.

Enfrentar a extrema-direita

A era da dominância da direita radical sobre o sentimento anti-sistema pode estar a atingir um limite estrutural. O custo de vida continua a ser uma prioridade persistente para o eleitorado europeu. E enquanto os partidos tradicionais estão paralisados por uma perceção de indiferença institucional e a extrema-direita se mantém hiperfocada na imigração, emergiu uma abertura significativa para uma esquerda insurgente.

Os eleitores são claros quanto ao tipo de economia que desejam. Querem serviços públicos de qualidade e emprego seguro como prioridades. Procuram mensagens ousadas que enquadrem a redistribuição como uma transferência de riqueza necessária para financiar o contrato social. Estão a rejeitar a retórica centrista que serve de véu para a inação e não estão dispostos a pôr a culpa nos migrantes.

Há aqui uma oportunidade rara para (re)definir e (re)apropriar um tema que realmente importa aos eleitores. O populismo económico de esquerda parece ser genuinamente uma plataforma de consenso, permitindo que os partidos desafiantes de esquerda e verdes ampliem a sua base. Pode estar aqui uma oportunidade para contestar o domínio da extrema-direita sobre a frustração dos eleitores e canalizar o sentimento anti-sistema para a esquerda.

¹ Nos seguintes países: França, Alemanha, Itália, Polónia, Roménia, Espanha, Suécia, Reino Unido.

² Onde as preocupações estavam divididas entre o custo de vida, a imigração e os cuidados de saúde.

³ As exceções são a Alemanha e a Suécia, que ainda culpam bastante a guerra na Ucrânia.